

CULTURA JUVENIL NA ESCOLA

A concepção de aprendizagem que o novo ensino médio traz tem por meta o desenvolvimento pessoal do aluno, através da construção de sua autonomia intelectual. Este processo de construção deve fornecer aos alunos subsídios para que eles atribuam um novo sentido a suas práticas individuais e sociais.

Ao falarmos em aprendizagem, reportamo-nos a algo que teve significado, que “fez sentido”. Por isso a importância dos novos conhecimentos serem construídos de forma **contextualizada**.

A contextualização deve estabelecer uma relação afetiva entre quem aprende e o que é aprendido, estabelecendo a interação propícia à aprendizagem. Daí a necessidade da inserção de temas ligados à cultura juvenil no currículo e no cotidiano escolar; dos contextos nos quais estão inseridos os jovens serem parte integrante do contexto geral da escola. E deve ser iniciativa coletiva de professores, diretores e Secretarias, a promoção e garantia de espaço na escola para tal inserção.

Apesar de o objetivo ser transcender a experiência imediata, o ponto de partida de qualquer aprendizagem sistemática deve ser o próprio mundo do aluno, quer dizer, seus interesses culturais, paixões, percepções e linguagens.

Tendo como premissa as diversidades regionais e a pluralidade de interesses dos jovens, é importante que a escola realize uma pesquisa para que sejam evidenciadas suas preferências sobre modalidades de esporte; estilos musicais, artísticos e culturais; os tipos de organização que freqüentam, para que os projetos curriculares a serem desenvolvidos e o dia-a-dia da escola tenham empatia com o coletivo dos alunos.

Trabalhar com a cultura dos jovens enquanto conjunto de significados e comportamentos construídos pelos diferentes contextos sociais e culturais dos quais participam, enriquece o processo de construção do conhecimento.

Aspectos da cultura juvenil como os bailes *funk* na região sudeste, mais especialmente, viabilizam intensa discussão sociológica. Estes bailes congregam jovens de condições financeiras distintas, habitantes da zona norte à zona sul e oeste, encenando aspectos centrais da vida social, como “relações de classes, eróticas, sexuais, de violência, de fraternidade (trenzinho), pactos juramentados de gênero (certos bailes

só para homens e outros só para mulheres), etc.”, como afirma Valenzuela¹. E dessa discussão participaria não apenas a Sociologia, mas também Música, Geografia, História, entre outras disciplinas.

O grafite é outro elemento da cultura juvenil, comum a todos os Estados e que se refere a uma redefinição do público e do privado. Tendo sido as paredes utilizadas como recursos para transmitir reivindicações sociais das organizações políticas e comunitárias, o grafite envolve “uma disputa simbólica pela definição da cara dos espaços” (Arce, op. cit.). Ainda segundo este autor, o fenômeno do grafite insere-se de maneira importante como parte da crise das identidades sociais, situando-se, sua transgressão, no confronto simbólico com a propriedade e a normatividade social.

A tatuagem é outro elemento da cultura juvenil que expressa uma vontade de mudança e reflete um ato de poder sobre o próprio corpo. Conota uma perspectiva estética e é também um recurso de sedução. É uma marca de identificação, de pertença. No processo de construção de identidades “o autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros”.² *Interagir* com o grupo e o ambiente de aprendizagem é extremamente significativo neste momento de busca e consolidação de valores, comum às juventudes.

Por isso, a utilização da metodologia de projetos é uma das mais favoráveis para o trabalho com jovens que procuram falar as mesmas linguagens. Vejamos alguns dos seus aspectos positivos: a) sua construção se dá no coletivo, proporcionando reflexão e incentivo à prática de valores, como o respeito às diferenças e a solidariedade; b) favorece a avaliação diferenciada e a auto-avaliação de forma contínua; c) professor e aluno são pesquisadores neste processo, promovendo a (re)significação dos conhecimentos já sistematizados.

Ao desenvolvermos projetos com os alunos devemos cuidar para que a autonomia que é conquistada ao longo de sua execução seja estimulada desde a sua concepção. Sendo o tema do projeto proposto pelo professor ou no coletivo da turma, ou ainda, sendo o objeto da pesquisa um problema surgido em sala ou na comunidade, sua escolha deve ser fruto de discussão e do desejo do grupo, que deve ter clareza quanto ao

¹ Arce, José Manuel Valenzuela. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

² Calhoun (1994:9-10) In Castells, Manuel. O poder da identidade, São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2)

porquê e para quê desenvolver tal projeto, definindo qual será o produto do trabalho que será realizado.

É de fundamental importância que o desenvolvimento de projetos esteja garantido na matriz curricular da escola, observando-se com cuidado o tempo de duração de cada um (períodos muito longos tendem a cansar, assim como algo muito complexo cria um nível de dificuldade tão grande que acaba provocando frustração).

“Um projeto gera situações de aprendizagem, ao mesmo tempo reais e diversificadas. Favorece assim a construção da autonomia e da autodisciplina por meio de situações criadas em sala de aula para reflexão, discussão, tomada de decisão, observância de combinados e críticas em torno do trabalho em andamento, proporcionando ao aluno, ainda, a implementação do seu compromisso com o social, tornando-o sujeito do seu próprio conhecimento. É muito difícil que o aluno, de um momento para o outro, comece a ter iniciativa e autonomia, sem ter tido anteriormente a oportunidade de decidir, escolher, opinar, criticar, dizer o que pensa e sente”.³

A inserção da cultura juvenil nas discussões em sala de aula e em fóruns específicos da escola, aliada ao desenvolvimento de projetos curriculares, estará (re)significando o espaço escolar, intensificando o processo de reflexão e crítica e promovendo a ***aprendizagem***.

³ Bomtempo, Luzia et al. Os alunos investigadores, mimeo, 1997.